



Percepções de gênero nas publicações de violência contra a mulher da *Capricho* a luz de um feminismo midiaticizado¹

Gender perceptions in *Capricho*'s publications on violence against women in the light of mediaticized feminism

Beatriz Vianna Barboza Peixoto

Resumo: Este trabalho pretende discutir marcas e percepções de gênero que constituem a imprensa feminina brasileira atual. Combinando métodos quantitativos e qualitativos, serão analisadas as publicações de casos de violência contra a mulher veiculadas no site da *Capricho*, que compõem *corpus* de pesquisa ampliada sobre o tema. O escopo teórico do trabalho se apoia nos conceitos de mídia e mediação entrelaçados à teoria feminista. Os resultados sugerem o reenquadramento da revista às mobilizações sociais, sobretudo on-line, a serviço de uma agenda neoliberal.

Palavras-chave: Mídia; mediação; gênero; feminismo; *Capricho*.

Introdução

A consolidação dos estudos feministas enquanto disciplina a partir da década de 1970 (Hoppen; Dalmaso-Junqueira, 2023) permitiu que olhássemos cada vez mais os produtos midiáticos consumidos no cotidiano como um campo pertinente de investigação para salientar e problematizar marcas de gênero.

Por mídia, nos atemos à definição ampla de Campanella (2019) que a associa não somente às infraestruturas e instituições que produzem e possibilitam a circulação de conteúdo, mas também ao próprio conteúdo produzido. Neste trabalho, contudo,

¹ Trabalho submetido ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais.



direcionamos o foco à mídia noticiosa, mais especificamente, às percepções de gênero encontradas na imprensa feminina brasileira, representada aqui pela *Capricho*, um dos primeiros e mais relevantes veículos neste segmento.

O objetivo é promover, com apoio de uma breve análise de textos, uma discussão teórica que evidencie marcas e percepções de gênero nos conteúdos produzidos por tal veículo quando se autointitula feminista. Nesse sentido, buscamos compreender que tipo de feminismo é acionado nas publicações, considerando, de antemão, o contexto de mercado em que elas são produzidas.

Como parte da discussão, o trabalho traz uma análise quanti-qualitativa de amostra concisa de publicações que compõem *corpus* de pesquisa maior sobre o tema. Tratam-se de conteúdos que versam sobre o fenômeno da violência contra a mulher, tópico que se mostrou relevante na agenda do veículo. Pretende-se, assim, relacionar feminismo e midiatização, entendendo a influência que os meios exercem sobre a produção noticiosa on-line, mas também sobre o próprio movimento.

Imprensa feminina: uma breve contextualização

A imprensa feminina data do fim do século XVIII na Europa ocidental. Surge, por assim dizer, como uma espécie de desmembramento da imprensa tradicional e, dado o perfil de seu público-leitor, não demorou muito para ser rotulada como um jornalismo de amenidades (Buitoni, 1986). Majoritariamente ligada à moda e consumida por um grupo seleto de mulheres, essa imprensa definida pelo sexo, como diria Buitoni (1986), foi desde os primórdios desvalorizada – embora já demonstrasse a função social relevante que viria a cumprir para além da impressão de padrões, gostos e desejos.

Pautada nos moldes europeus, no Brasil, essa imprensa ganhou força na década de 1960 em meio a efervescência das revistas femininas. Entretanto, apesar de não estar no escopo deste trabalho mergulhar na história das revistas femininas brasileiras, como o faz Buitoni (1981; 1986) em pesquisas de fôlego sobre o tema, consideramos importante



resgatar, ainda de que maneira enxuta, algumas de suas características para contextualizar nosso objeto.

A *Capricho* surge em meio a essa popularização de periódicos voltados para mulheres de classes mais altas. Pertencente ao grupo Abril, data de 1952 e é considerada a primeira revista feminina brasileira, além de ter sido a primeira que mais tarde se voltaria para um público adolescente. Inicialmente uma publicação de fotonovela, com poucos conteúdos noticiosos no miolo, a *Capricho* sofreu inúmeras mudanças editoriais ao longo do tempo², engendrando, até hoje, problemas de pesquisas importantes no que tange às representações e estereótipos de gênero de seus conteúdos, os sentidos por eles mobilizados, os feminismos acionados, dentre outras questões (Freire Filho, 2006; Medeiros, 2015).

Em tempo, é importante salientar que “a imprensa, para manter-se viva e lucrativa, se desdobra para seguir as transformações culturais e sociais, ainda que na superfície” (Medeiros, 2015, p. 101), isto é, mesmo que se aproprie de determinadas faces e pautas de um movimento amplo, enquadrando-o às demandas de mercado.

Marcas e percepções de gênero na *Capricho*

Tomamos emprestada as definições de Scott (1995) e Butler (2018) a respeito do gênero para pensá-lo como construção social e, tão logo, expressão de poder. Em uma estrutura binária, o gênero é correspondente ao sexo biológico e vice-versa, quando, na prática, ambos não existem fora ou anterior ao discurso (Butler, 2018).

Portanto, quando falamos em gênero estamos nos referindo automaticamente às relações desiguais de poder nele estabelecidas, colocando em tensão normas e marcas que são construídas socialmente, produzidas e alimentadas no imaginário — se o pensarmos

² Em 2015, o formato impresso foi descontinuado. A revista segue apenas on-line.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

como espaço de produção de sentidos (Maffesoli, 2010) — isto, claro, na tentativa de significá-los com base em uma classificação binária. De tal maneira, quando buscamos identificar essas marcas e percepções no site da *Capricho*, uma revista adolescente voltada para um público majoritariamente feminino, queremos evidenciar elementos que reflitam essas desigualdades e expressões de poder sob uma perspectiva interseccional.

Sendo assim, escolhemos olhar para um conjunto conciso, porém representativo, de publicações. Esse conjunto deriva de *corpus* de pesquisa maior, construído seguindo as etapas de análise de conteúdo de Moraes (1999). Centramo-nos, dessa forma, nos conteúdos de violência de gênero por revelarem-se parte expressiva da agenda da revista atualmente. Para análise, escolhemos trabalhar com a categoria de “casos protagonizados por vítimas famosas” — que congrega o maior número de matérias em relação ao *corpus* total —, com foco na *Capricho* e cujas coberturas se destacaram em termos de repercussão entre setembro de 2021 e setembro 2022. A categoria contempla dois casos de violência de gênero e 13 publicações, envolvendo o estupro da modelo e influenciadora Mariana Ferrer (Junqueira, 2021; Otto, 2021) — que ocorreu em 2018, mas voltou a repercutir em 2021 —, e o estupro da atriz Klara Castanho (Capricho, 2022; Martinelli, 2022; Otto, 2022).

O protagonismo de figuras reconhecidas na mídia logo salta à vista, quando pensamos a prática jornalística imersa em uma cadeia produtiva e a celebridade como valor-notícia historicamente caro a essa imprensa (Buitoni, 1981; 1986). Logo, o que essas publicações de violência, cujas narrativas são pautadas a partir dessas personalidades, têm a dizer sobre a forma como o feminismo é absorvido e difundido na *Capricho* hoje?

Pela amostra, é possível aferir que casos de violência sexual contra vítimas famosas ganham destaque no site da revista para além da violência em si. Aqui, as coberturas dos dois casos analisados trazem discussões levantadas nas redes sociais, quando não pautadas diretamente por elas. Fala-se em maternidade compulsória,



machismo estrutural, aborto, direitos humanos e, mais especificamente, direitos da mulher. Paralelamente, são incluídos dados e pesquisas capazes de não restringir as respectivas situações aos perfis de mulheres que ali aparecem. A questão é que, ainda assim, a amostra sublinha uma visibilidade limitada, realçando um recorte de classe, raça e sexualidade que se estende ao longo de décadas — por mais feminista que a publicação do grupo Abril se apresente.

Esse constante diálogo com as movimentações das mídias sociais e narrativas liberais do feminismo, a exemplo do *Girl Power* e do pós-feminismo (Gill, 2016), como formas de pautar o que está em evidência sem deixar de lado interesses econômicos é que nos motiva a encarar as mobilizações feministas no presente contexto a partir — e com auxílio — do conceito de midiatização (Couldry; Hepp, 2013).

Feminismo e midiatização

O pós-feminismo, por exemplo, está intrinsecamente ligado aos processos de midiatização. De acordo com Gill (2016), é mais do que um momento, é uma sensibilidade enredada ao neoliberalismo dotada de contradições que acaba por refletir na forma como as mulheres são retratadas na mídia. Mais do que limitá-lo à superação de ideais feministas defendidos na chamada segunda onda, a autora refere-se às mudanças nos padrões empíricos da vida contemporânea, aos quais se pode enfatizar o individualismo, a intensificação e extensão de formas de vigilância sobre o corpo das mulheres, a exaltação da feminilidade no aspecto corporal, dentre outros.

Nos termos da midiatização, tornamos a pensá-la não como uma teoria, mas uma abordagem geral (Couldry; Hepp, 2013), que passa a ganhar relevância nas pesquisas que relacionam mídia e processos comunicacionais, meio e técnica. Diante da variedade de definições e discussões que o termo carrega, Couldry e Hepp (2013) afirmam que o conceito pode ser usado para analisar criticamente a interrelação das mudanças na mídia



e na comunicação com as mudanças na cultura e na sociedade. Relacionar esses dois lados revela-se cada vez mais importante, pois a cultura deve incorporar os seres técnicos enquanto objeto e valor (Simondon, 2020).

A incorporação ou, por assim dizer, a apropriação de determinadas pautas feministas, como a questão da violência de gênero sem marcadores sociais observada na amostra, pode ser problematizada a partir desse contexto. É possível compreender que há uma face do feminismo atrativa economicamente capaz de acionar debates relevantes, conversando e sendo pautado por várias mídias, porém sem grande profundidade e/ou potencial de mudança.

Considerações finais

A partir de breve análise, o trabalho propôs uma reflexão sobre a inserção de determinados debates feministas em uma das principais e mais relevantes revistas femininas do país, como a *Capricho*, tendo como pano de fundo as discussões sobre midiatização, com ênfase na definição de Couldry e Hepp (2013). Por uma questão de recorte e, dada as limitações do trabalho em termos de formatação e estrutura, a análise privilegiou as coberturas protagonizadas por personalidades reconhecidas na mídia, posto que a tríade gênero, violência e celebridade se mostrou de extrema relevância para a revista adolescente em investigação prévia.

No entanto, as reflexões aqui geradas não pretendem se mostrar totalizantes em relação ao fenômeno, mas sim indicar possíveis direções e caminhos de pesquisas futuras. Soma-se a isso, contribuir para o debate acerca da influência da mídia na apropriação de pautas feministas, contextualizando-a à luz dos processos comunicacionais e como estes devem ser pensados em sua relação com o meio.



Referências

BUITONI, D. **Mulher de papel: A representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. **Imprensa feminina**. Editora Ática: São Paulo, 1986.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018. E-book.

CAMPANELLA, B. Em busca do reconhecimento midiático: a autorrealização do sujeito na sociedade midiaticada. **E-compós**, [S.l.], v. 22, p. 1-19, 2019. Disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1499>. Acesso em: 2 jan. 2024.

COULDRY, N.; HEPP, A. Conceptualizing Mediatization: Contexts, Traditions, Arguments. **Communication Theory**, 23, p. 191–202, 2013.

FREIRE FILHO, J. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista *Capricho*. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 102-111, mai./ago., 2006.

HOPPEN, N. H. F.; DALMASO-JUNQUEIRA, B. Retrato dos Estudos Feministas, de Mulheres e de Gênero no Brasil (1971-2019): a consolidação do campo científico, aprendizados e desafios. **Encontros Bibli**, [S.l.], v. 28, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/92103>. Acesso em: 8 jan. 2024.

GILL, R. Post-postfeminism?: new feminist visibilities in postfeminist times. **Feminist Media Studies**, v. 16, n. 4, p. 610-630, 2016.

JUNQUEIRA, G. Senado aprova Lei Mariana Ferrer, que proíbe humilhações em audiências. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/senado-aprova-lei-mariana-ferrer-que-proibe-humilhacoes-em-audiencias/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. Lei Mari Ferrer, que protege vítimas de abuso sexual, é sancionada. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/lei-mari-ferrer-que-protege-vitimas-de-abuso-sexual-e-sancionada/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MARTINELLI, A. Klara Castanho revela que foi estuprada, engravidou e doou bebê. **Capricho**, 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/klara-castanho-revela-gravidez-apos-estupro-e-doacao-de-bebe/>, 2022. Acesso em: 8 jan. 2024



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

_____. Maísa Silva, Larissa Manoela e outras famosas apoiam atriz Klara Castanho. **Capricho**, 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/maisa-silva-larissa-manoela-e-outras-famosas-apoiam-atriz-klara-castanho/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. Entenda em 5 pontos o caso que expôs a atriz Klara Castanho. Disponível em: **Capricho**, 2022. <https://capricho.abril.com.br/comportamento/entenda-em-6-pontos-o-caso-que-expos-a-atriz-klara-castanho/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

MEDEIROS, C. M. T. **Jovens e divas: construção do feminino na mídia contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 4 jan. 2024.

OTTO, I. “Vivendo um dia após o outro”, diz Klara Castanho em breve desabafo. **Capricho**, 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/vivendo-um-dia-apos-outro-diz-klara-castanho-em-breve-desabafo-nas-redes/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. Klara Castanho move ação contra Leo Dias, Antônia Fontenelle e Dri Paz. **Capricho**, 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/klara-castanho-entra-com-acao-na-justica-contr-leo-dias-antonia-fontenelle-e-dri-paz/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. Klara Castanho move ação contra Leo Dias, Antônia Fontenelle e Dri Paz. **Capricho**, 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/klara-castanho-entra-com-acao-na-justica-contr-leo-dias-antonia-fontenelle-e-dri-paz/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. Mari Ferrer: tudo o que rolou desde a absolvição do réu em 1ª Instância. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/mari-ferrer-tudo-o-que-rolou-desde-a-absolvicao-do-reu-em-1a-instancia/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. Mari Ferrer: Justiça absolve André Aranha de novo, agora em 2ª Instância. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/mari-ferrer-justica-absolve-andre-aranha-de-novo-agora-em-2a-instancia/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. Defesa de Mari Ferrer busca anulação do processo e expõe novas evidências. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/defesa-de-mari-ferrer-busca-anulacao-do-processo-e-expoe-novas-evidencias/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

PAI de Klara Castanho faz homenagem à filha: ‘Estarei sempre com vocês’. **Capricho**, 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/pai-de-klara-castanho-faz-homenagem-a-filha-estarei-sempre-com-voces/>. Acesso em: 4 jan. 2024.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 3 jan. 2024.

SIMONDON, G. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Contraponto, 2020.

‘TIVE vergonha e culpa’: Leia íntegra de carta da atriz Klara Castanho. **Capricho**, 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/teve-vergonha-e-culpa-leia-na-integra-carta-da-atriz-klara-castanho/>. Acesso em: 4 jan. 2024.